

O sentido do “não-sentido”

Barbery, Muriel. *A elegância do ouriço*. Tradução: Rosa Freire de Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 349 p.

Maria Inez Carvalho
Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia

Quem conhece o “roteiro” desse romance – um belo conjunto de reflexões-sensíveis, com cunho principalmente filosófico, de duas mulheres: a *conciierge* cinquentona de um prédio da elite parisiense e uma garota de 12 anos moradora do edifício – estará se perguntando qual a pertinência desta resenha em uma revista acadêmica de Educação.

A explicação, como poderia ser o esperado, não está na confluência das ideias filosóficas do livro com as correntes pedagógicas mais recentes; mas, ao contrário, está justamente na “não confluência”.

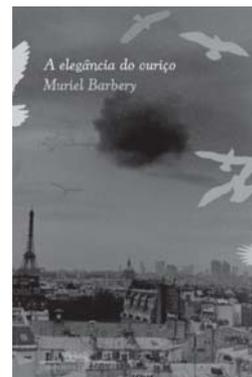
Explico: por “cansada” com a atual hegemonia das correntes pedagógicas intencionalistas e finalistas, fui me entusiasmando com as ideias da não finalidade, do não-sentido da vida presentes de forma mordaz, irônica e enciclopédica nas escritas das duas personagens, o que me levou a pensar em como estas ricas/interessantes ideias estão longe, acho mesmo que proibidas, no atual estado da arte da área do conhecimento da educação.

Sendo assim, o meu convite à leitura deste livro, começa com a informação que é leitura que consegue unir profundidade teórica e prazer fluido, o tipo de livro que pode ser a leitura do descanso de final de semana com a sensação que se “estudou” muito; na verdade, quero mesmo é enfatizar, ou sugerir, que seja lido sempre em contraponto a algumas correntes pedagógicas.

Um bom ponto de partida está na página 104:

Nestes dias, em que soçobram no altar de nossa natureza profunda todas as crenças românticas, políticas, intelectuais, metafísicas e morais que os anos de instrução e educação tentaram imprimir em nós, a sociedade, campo territorial cruzado por grandes ondas hierárquicas, afunda **no nada do sentido**.

Ideias que, talvez, com menor elegância estética – característica estilística que tem relação direta com a clareza teórica, – são recorrentes na atual literatura pedagógica – em especial, naquelas



correntes críticas que têm em seu *corpus* teórico a *falta de sentido imposta à e na escola* como importante questão. São por demais conhecidas, por exemplo, as severas críticas ao que se denominou Tendência Redentora e, ao menos teoricamente, há um clamor em torno da *busca de sentido*.

Continuando a leitura, entretanto, aflora a diferença entre afundar no ***nada do sentido*** (do texto do livro) e afundar na ***falta de sentido*** (da literatura pedagógica). Renée, nossa letrada concierge, prossegue:

[...][todos] não são mais que hominídeos primitivos, e suas caretas e risos, seus comportamentos e enfeites, sua linguagem e seus códigos, inscritos na carta genética do primata médio, significam apenas isto: manter o próprio nível ou morrer.

Deixemos, agora, por um tempo, *o manter o próprio nível ou morrer* em suspensão para uma necessária explicação da estrutura do livro:

Pode ser classificado como um diário, ou melhor, dois diários que vão sendo postados intercaladamente, capítulo por capítulo. Com diagramação distinta, ora, temos as ideias de Renée que posa de concierge típica escondendo dos moradores os seus vastos conhecimentos, ora Paloma, adolescente rebelde e incrivelmente perspicaz para a sua idade, que relata os motivos do mundo que a levariam a se matar no dia que completasse 13 anos. Já próximo do desfecho, com a chegada de um novo morador – um japonês riquíssimo e muito culto – as duas se encontram. No final – bem, o final, – fica para quem ler o romance para não perder a graça.

A leitura é um deleite, e através das muitas observações sobre literatura, escrita, envelhecimento, psicanálise, e outros diversos aspectos do dia a dia atual; pegava-me em diálogo virtual com as duas. Um diálogo talvez impossível, pois fossem elas de carne e osso não me dariam trela em face do sucesso que obtiveram na arte de ser invisível aos outros.

Mas a postura não era só de diálogo, muitas vezes era de atenta concentração para poder perceber a beleza ou o inusitado ou o saque incrível que vão sendo plantados em nossos corações e mentes. Continuo, então, citando a página 104, e peço que tirem do estado de suspensão o *manter o próprio nível ou morrer*:

Precisamos desesperadamente da arte. Aspiramos ardentemente a retornar nossa ilusão espiritual, desejamos apaixonadamente que algo nos salve dos destinos biológicos para que toda poesia e toda grandeza não sejam excluídos deste mundo. Então tomamos uma xícara de chá ou assistimos a um filme [...]

Fico pensando que aqui, seria bem-vinda uma citação de Dotoiévski: *é preciso amar a vida mais que o sentido da vida*.

Uma boa parte das reflexões-sensíveis que o livro suscitou em mim não cabe no espaço destinado às resenhas e entre observações cáusticas sobre o que a escola faz com as pessoas, críticas a fenomenologia, análises fantásticas sobre o que é a arte, percepções muitos sensíveis sobre o estar no mundo, escolho dois momentos que podem dar vontade, a você, leitor, de ir correndo à procura do livro.

Primeiro, uma bela dúvida de Renée, que enquadro como uma questão de conteúdo/forma. Ela se pergunta sobre um trecho da obra *Guerra e Paz*, se a beleza da estrutura gramatical da frase se deve à tradução ou, citando literalmente, *será a própria essência desse texto fantástico que, ainda, hoje me arranca lágrimas de alegria?* (p. 112)

E no segundo, como não podia deixar de ser, Paloma em sala de aula. Questionada sobre para que serve estudar gramática, a professora de francês (língua materna) responde: *serve para falar e escrever bem*. Paloma narra o fato dizendo que quase teve um ataque cardíaco e depois de belas conjunturas sobre a gramática, como:

[...] dizer a adolescentes que sabem falar e escrever que a gramática serve para isto é como dizer que é preciso ler uma história dos banheiros através dos tempos para fazer xixi e cocô ... todas [as professoras] da terra deveriam se perguntar que música devem tocar para seus alunos a fim de que eles possam entrar em transe gramatical

nos revela o que respondeu, em um ímpeto, à professora: “[...] parece evidente que a gramática é um fim e não somente um objetivo: é um acesso à estrutura e à beleza da língua, não só um troço que serve pra gente se virar em sociedade.”

Este espírito do ser *fim* e não somente um *objetivo* perpassa o livro todo, daí a defesa intransigente da arte. Uma arte que não é

instrumental. A criação/invenção do sentido e não a busca instrumental do significado. E esta é uma descoberta que ainda tem que ser feita na Educação.

Mas, paralelo ao entusiasmo, algo me assustava, pois percebo, menos nas ideias e mais nas figuras de Renée e Paloma e no entorno por elas criado, um retorno ao que elas mesmas criticavam. Assim como se o aprofundamento na arte, *a leitura para a elevação do espírito* (p. 14) que deveria perseguir o estar no mundo (mesmo que mais como percepção vivida do que na busca externa do sentido) afastassem elas deste mesmo mundo.

Ainda no preâmbulo, Renée crítica Marx com a irônica declaração de que a leitura da Ideologia Alemã (na contraposição entre desejo e necessidade) levaria a conclusão de *quem semeia desejo colhe opressão*. (p. 14) E no decorrer do livro, os diários vão apontando ao leitor a opção pelo desejo em detrimento à necessidade. Mas, para a obtenção dos *desejos*, as duas personagens vão criando algumas *necessidades*: o pretensamente adulto-refletido *ninguém pode saber de mim* de Renée e o adolescente *vou me matar* de Paloma. *A elevação do espírito* vem contraditoriamente acompanhada do não pretendido *endurecimento* marxista e, pior, com a perda da *ternura*. Uma necessidade de fugir da vida vivida.

Constantemente, durante a leitura, me vinha à lembrança uma posição de Rita Lee no programa de TV fechada *Saia Justa*, quando foi discutido o filme *As horas*. Em meio às loas ao excelente filme, ela diz: *eu, é que não queria ser amiga daquelas mulheres!* E eu, mesmo tendo às vezes a vontade já declarada de travar alguns diálogos com Renée e Paloma, um tipo de conversa que faz mesmo falta em nossa vida acadêmica, em outras não queria ser amiga delas, e muito menos mãe daquela menina.

É como se ambas, cada uma ao seu modo e não posso deixar de apontar que existe diferença nas escritas, atingissem o supersensível (incorpóreo) kantiano e isto as fizesse intolerantes com o mundo, ou com um certo mundo que elas menosprezavam, não sem razão.

Pus nos ouvidos os tampões de espuma amarela de mamãe e li uns hokhus da antologia da poesia japonesa clássica de papai, para não ouvir a conversa de degenerados deles. (p. 119)

Incomodo-me também com a total indulgência com a cultura japonesa. O novo morador, o Senhor Ozu, surge como uma metáfora do bem, um *há vida inteligente sobre a terra e ela vem do Japão*.

Sobre isso, se fosse criar um subitem neste texto, ele se chamaria *Entre plantas e uma descarga de banheiro*. São dois exemplos a que vou recorrer, pois me levaram a refletir que o fato está mais no olhar que na coisa. A mãe de Paloma cuidava extremadamente de suas muitas plantas espalhadas pelo apartamento, o que poderia ser uma forma de se encontrar no mundo é visto como uma atitude tosca de uma burguesa. O Senhor Ozu tem uma descarga no lavabo que quando acionada dispara o *Confutatis do Réquiem* de Mozart, o que poderia ser visto como um consumo beirando o cafona é entendido como uma escolha surpreendente que leva às lágrimas.

Bom, vou parar por aqui, pois poderá dar a parecer que não gostei tanto do livro, o que não seria uma verdade: é um dos melhores livros que já li.

Como disse no início, “ando cansada” de tanta intencionalidade, de tanto objetivo, *pois arte é vida, mas em outro ritmo* (p. 219). Quando se abre a escola para as linguagens, para as artes não se sabe mesmo onde se vai chegar.

E fico pensando no *transe gramatical* que tanto me encantou no início do livro. Não teria ele levado Renée a um elitismo, o rigor gramatical não acaba contraditoriamente por ser um limitador? Este pensar me levou a uma comparação. Sempre que me deparo com algo que me faz pensar na gramática, lembro-me de Caetano Veloso, pois um dos motivos que me faz ser sua fã é este *transe gramatical* tão presente em sua obra. Então, imagino que seria assim um encontro de Caetano com nossa *concierge*: eles se entenderiam, e bem, quanto ao rigor gramatical, mas ela, provavelmente, torceria o nariz à mania dele de criar neologismos.

Terminada a leitura, fico torcendo sem a ilusão do controle total, pela beleza do mundo, mas sem elitismo de qualquer ordem.

São livros como este, próprio para quem gosta de livros e de ideias mesmo que para seja para questioná-las, que nos ajuda a inventar uma escola que *persiga os sempre no nunca* (p. 350).